

O QUE SERIA UMA GRAMÁTICA DA ENUNCIÇÃO? A PROPOSTA DE UMA ANÁLISE TRANSVERSAL

Valdir do Nascimento FLORES

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador CNPq. *E-mail*: valdirnf@yahoo.com.br

Resumo

Este texto apresenta uma proposta de abordagem da enunciação que busca estudar a língua em diferentes níveis da análise linguística. Desenvolve-se o conceito de transversalidade enunciativa cuja característica primordial é descrever o uso linguístico relacionando as unidades dos níveis da análise linguística entre si dentro do mesmo nível e em níveis diferentes.

Palavras-chave

enunciação; transversalidade enunciativa; ensino.

Introdução

O objetivo deste texto é simples. Queremos responder à questão geral: o que é possível entender pela expressão *gramática da enunciação*? Dessa questão resultam duas outras, de menor abrangência: qual o alcance e o limite de *gramática* nesse contexto? Como, nesses termos, podemos operar para fazer uma análise da enunciação?

Para respondê-las, faremos o seguinte percurso: inicialmente (cf. item 2), falamos sobre a noção de enunciação vinculando-a à descrição linguística que proporciona; mais adiante (cf. item 3), problematizamos a expressão *gramática da enunciação*; em seguida (cf. item 4), fazemos algumas considerações analíticas, finalmente (cf. item 5), elaboramos a conclusão.

Antes de prosseguirmos, porém, cabe um esclarecimento: as opiniões formuladas daqui para frente refletem um pensamento muito pessoal a respeito do estudo enunciativo e de sua aplicação à descrição linguística *stricto sensu*. Isso quer dizer que, embora estejamos fortemente inspirados, como será visto, na reflexão de Émile Benveniste no campo da enunciação, nada do que será dito poderá ser atribuído diretamente a Benveniste. Diríamos que estamos com Benveniste, mesmo que sem responsabilizá-lo pelos deslocamentos, ampliações e ressignificações feitas.

1. A enunciação: questões gerais

Temos defendido (cf. FLORES 2011) que a enunciação não é um nível da análise linguística tal como poderíamos considerar a fonologia, a morfologia, a sintaxe e o léxico, por exemplo. Em nossa opinião, a enunciação, entendida como a colocação da língua em

funcionamento “por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1988, p. 82), é *transversal* à língua em sua totalidade.

Com essa ideia de *transversalidade* queremos dar relevo ao fato de que a enunciação, sendo um ato, atinge, por assim dizer, todos os níveis da língua, colocando-os em inter-relação, ou não.

Sem dúvida, quando estudamos a língua do ponto de vista enunciativo, fazemos um estudo semântico. É isso que permite também chamar *semântica da enunciação* a teoria de enunciação (cf. FLORES 2013a). No entanto, esse estudo semântico também não pode ser equiparado a uma abordagem do “nível” semântico da língua. A descrição enunciativa é semântica, mas não se limita ao nível semântico (lexical, proposicional, textual etc.).

Em linhas gerais, podemos dizer que o locutor, quando enuncia, se apresenta como *sujeito da enunciação*, isto é, se apresenta nos termos de uma organização linguística específica em uma dada situação espaço-temporal: ele produz uma sintaxe da enunciação; ele advém da enunciação (cf. FLORES 2013b).

Em outras palavras, não concebemos o *sujeito da enunciação* como um “ser que fala”, que estaria na origem do ato de enunciação – esta instância, para nós, estaria circunscrita ao *locutor* –, mas, sim, como um sujeito que *advém* da enunciação. Isto é, o *sujeito da enunciação*, para nós, é a própria organização sintagmática, é a própria organização linguística que “denuncia” a presença do *homem na língua*, para usar a linha de expressão de Benveniste.

Uma consequência evidente dessa noção de *sujeito da enunciação* – que advém da enunciação, que advém do fato de o locutor ter dito algo – é que as ditas “marcas da enunciação” passam a ser vista de outra maneira, qual seja: as marcas da enunciação não se restringem a elementos dêiticos, modalizadores, adjetivos ou algumas outras classes de palavras que tão exaustivamente são “enquadradas” na condição de “marcas da enunciação”.

Para nós, as marcas da enunciação são, na verdade, todo o mecanismo utilizado pelo locutor para se singularizar em uma dada situação espaço-temporal. É por isso que temos defendido que a enunciação não é um nível da análise linguística, nem mesmo um nível semântico. A enunciação – entendida como um ato pelo qual o locutor por *dizer* se singulariza em seu *dito* – deixa marcas em toda a língua: na sintaxe, no léxico, na morfologia, sem dúvidas, mas, também, nos elementos não segmentais da língua (o ritmo, por exemplo).

Isso que estamos defendendo, embora não seja textual na obra de Benveniste, também não vai de encontro ao que defende o autor. Em *O aparelho formal da enunciação*, artigo originalmente publicado em 1970, encontramos a abertura para o que estamos propondo. Diz ele:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um **processo de apropriação**. O locutor se apropria do **aparelho formal da língua** e enuncia sua posição de locutor por meio de **índices específicos**, de um lado, e por meio de **procedimentos acessórios**, de outro. (BENVENISTE, 1989, p. 84) [grifo nosso; itálico do autor]

Nunca é demais enfatizar: o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição por meio de índices específicos e procedimentos acessórios. Ou seja, o

locutor se apropria da língua para enunciar. Nós diremos: para construir, com ela, com os índices e os procedimentos, um aparelho de enunciação.

Os *índices específicos*, sabemos, são exaustivamente estudados por Benveniste e estão ligados às categorias de pessoa, tempo e espaço; os *procedimentos acessórios*, em nossa opinião, estão ligados à singularidade que cada análise linguística da enunciação evoca. O conjunto de ambos é, para nós, o *sujeito da enunciação*, que advém da enunciação.

Ora, é isso que nos leva a argumentar em favor da *transversalidade* da enunciação, das marcas da enunciação. Se enunciar é construir mecanismos que singularizam um locutor, tornando-o sujeito, a cada momento, então esse mecanismo não pode ser tomado na linearidade, ele atravessa a língua em seu conjunto.

2. A gramática da enunciação

No contexto dessa reflexão que estamos fazendo, o que é possível entender pela expressão *gramática da enunciação*? Que princípios norteiam uma concepção de *gramática* que, ancorada nos pressupostos de enunciação explicitados acima (cf. supra), considera os aspectos formais da língua no processo de enunciação dessa língua, ou seja, na complexa passagem de locutor a sujeito? O que é *gramática* em uma perspectiva enunciativa de estudo?

Em primeiro lugar, não cabe pensar que uma *gramática da enunciação* seria uma obra de referência, na qual estariam contidas descrições enunciativas, ou mesmo descrições que dissessem algo de uma lógica regular da enunciação. Isso seria incompatível com a epistemologia subjacente à teoria da enunciação benvenistiana, base de nossa reflexão aqui.

Não cabe a esta teoria a tarefa de elaborar uma gramática de forma a fornecer um material de consulta porque, sendo a enunciação um ato irrepitível – já que são irrepitíveis as condições de tempo, espaço e pessoa de cada enunciação –, cada instância de uso da língua terá sentidos distintos.

Tomemos um exemplo: é óbvio que o presente verbal em português se manifesta sempre da mesma forma, isto é, com as mesmas marcas formais (morfofossintáticas), no entanto, o presente da enunciação com referência ao qual se define o presente do verbo é sempre único a cada vez que o enunciado é proferido. O mecanismo morfofossintático é repetível, mas a sua enunciação é irrepitível.

Logo, a *gramática da enunciação* precisa ser entendida em um outro sentido. Ela é, *grosso modo*, o arranjo linguístico promovido pelo locutor para se propor como sujeito. Esse arranjo é o *sujeito que advém da enunciação*.

Isso está, de certa forma, preconizado pelo próprio Benveniste – ao menos da maneira como o interpretamos – em *O aparelho formal da enunciação*, quando concebe uma oposição entre o emprego das formas – “Todas as nossas descrições linguísticas consagram um lugar frequentemente importante ao **‘emprego das formas’**”. “ (BENVENISTE, 1989, p. 81) [grifo nosso] – e o emprego da língua – “coisa bem diferente é o **emprego da língua**” (BENVENISTE, 1989, p. 82) [grifo nosso].

E acrescenta Benveniste:

As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica

uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar. (BENVENISTE, 1989, p. 81)

Ora, nessa concepção, o estudo do emprego das formas não seria mais que uma descrição das regras responsáveis pela organização formal da língua, ou seja, ele se preocuparia com um objeto estruturado do qual seriam descritas as regras imanentes a ele. Deduzimos, ao estudar as formas da língua, as regras que possibilitam as condições pelas quais uma forma pode se realizar. Essas regras são limitadas, uma vez que fazem parte de um conjunto de potencialidades, virtualidades, que determina as escolhas possíveis.

Coisa bem diferente é o emprego da língua, como diria Benveniste:

Trata-se aqui de um **mecanismo total** e constante que, de uma maneira ou de outra, **afeta a língua inteira**. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido. (BENVENISTE, 1989, p. 82) [grifo nosso]

Fazer uma *gramática da enunciação* seria, então, estudar o fato de o locutor relacionar-se com a língua a partir de determinadas formas linguísticas da enunciação que marcam essa relação. Esse “relacionar-se com a língua” é o próprio ato de enunciar, é transformar individualmente a língua – mera virtualidade – em discurso.

Nessa concepção de *gramática da enunciação*, não cabe mais falar em oposição língua/discurso, uma vez que é de uma relação constitutiva língua-discurso que se trata.

Tomando por base o quadro teórico sumariamente exposto acima, podemos conceber uma *gramática da enunciação* como sendo sempre um estudo da língua-discurso, no sentido que Benveniste atribui a este termo, ou seja, “a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (BENVENISTE, 1989, p. 233-234). Em outras palavras, se a enunciação “supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 83), então, fazer a gramática de uma língua, do ponto de vista enunciativo, é tratar dos aspectos envolvidos no seu uso em dada situação.

3. E a análise?

Como operam as reflexões que fizemos até o presente momento? Ou ainda: como podemos dar a ver a *transversalidade da enunciação*?

Vejamos um pequeno exemplo.

Há algum tempo, uma conhecida marca de cerveja brasileira lançou sua nova propaganda televisiva. O texto que segue é a transcrição livre que fazemos dessa propaganda.

(homem entra em um bar e encontra os amigos na mesa)

1. **A:** E aí, galera!
2. **Todos:** Senta aí!
3. **A (para o garçom):** Manda uma cervejinha!
4. **B:** Parou, parou, parou! Como é que é, Pregão? Tu faz esse deslocamento todo até

aqui pra pedir cervejinha? Tu vai assistir um jogo: tu vai assistir um joguinho ou um jogão?

5. A: Jogão!

6. B: Carro. Tu vai comprar um carro, entra na concessionária: pede um carrinho ou um carrão?

7. A: Carrão!

8. B: Agora pra você compreender mesmo. Quesito mulher: inha ou ão?

9. A: Tá me tirando? Mulherão, rapaz! Mulherão!

10. B: Vai continuar pedindo cervejinha?

11. A (**para o garçom**): Manda um cervejão!

(*entra em cena a namorada de B*)

12. B: Pessoal, essa aqui é a Carlinha.

13. A: Inha?

14. B: Exceção!

Queremos chamar a atenção aqui para os usos feitos dos diminutivos e dos aumentativos na propaganda transcrita acima.

Em (3), vemos que o locutor A pede uma *cervejinha* ao garçom. É esse uso de *-inha* que desencadeia tudo o que será construído no decorrer da propaganda. O locutor B recorta da fala de A o sufixo *-inha* e começa a construir um sentido – negativo, no caso – pela contraposição ao uso do sufixo *-ão*.

B conduz A a reconhecer um sentido negativo de *-inha* ao impeli-lo a optar por *-ão*: *joguinho?* Não, *jogão*. *Carrinho?* Não, *carrão*. *Mulher(inha/ zinha)?* Não, *mulherão*. *Cervejinha?* Não, *cervejão*.

Ora, evidentemente, nenhum desses usos do diminutivo indica dimensão menor (diminuição, pequenez), conforme registram gramáticas tradicionais, quando apresentam os valores semânticos dos sufixos. Assim como, nenhum dos aumentativos indica dimensões grandes ou maiores que o normal. Verificamos, pois, nessas ocorrências, que os sufixos – diminutivo e aumentativo – constituem uma marca da presença do sujeito no discurso.

É verdade que compêndios gramaticais assinalam o uso desses sufixos como elementos marcadores de valoração – pejoratividade, afetividade etc. –, no entanto, o que não encontramos em gramáticas é que esses sufixos possam ser utilizados, simultaneamente, para indicar sentido opostos. É o que podemos observar se analisamos a propaganda até o fim. Observemos.

Em (12), B apresenta sua namorada aos amigos. Nesse momento, para quem não viu ou não lembra a propaganda, é fundamental considerar que entra em cena uma mulher muito bonita. É a evidência da beleza da namorada – apresentada pelo próprio locutor B, o mesmo que atribui sentido negativo ao sufixo *-inha*, como *Carlinha* – que leva A a indagar, em tom até certo ponto contestatório: *-inha(13)?* Como pode ser *Carlinha* se se trata de um *mulherão*?

A isso responde B: exceção. *Carlinha* é um *mulherão*, mas é *-inha*. Nesse momento, o sufixo *-inha* passa a ter valor positivo.

Nessa interpretação, a palavra não é vista de maneira isolada, mas o nível morfológico – derivacional – está colocado, simultaneamente, em relação com o nível semântico, na enunciação. É isso que chamamos de *transversalidade enunciativa*. A enunciação é transversal à língua, ela não se encerra em um único compartimento.

Considerações finais

Chegamos ao fim de nosso texto e queremos brevemente considerar algumas questões que dizem respeito ao ensino da língua. Como professores que somos, interessamos o grande entrave que acompanha a vida acadêmica do professor e do aluno quando se trata de língua materna. Há um abismo entre o desejo de ensinar do professor e a vontade de aprender do aluno.

Benveniste acredita que a

linguística é a tentativa de compreender este objeto evanescente: a linguagem, para estudá-la como se estudam os objetos concretos. Trata-se de transformar as palavras que voam – o que Homero chamava as ‘palavras aladas’ – em uma matéria concreta, que se estuda, que se diseca, onde se delimitam unidades, onde se isolam níveis. (A linguística) procura primeiro constituir seu objeto, definir a maneira pela qual ela o examina e procura em seguida forjar os métodos próprios para delimitar, para analisar esta matéria (BENVENISTE, 1989, p. 29).

Nosso objeto de pesquisa e de análise, aqui, partiu da morfologia, submetendo-a, entretanto, ao viés enunciativo. Todavia, cabe lembrar, qualquer fenômeno linguístico “pode receber o olhar da linguística da enunciação, basta que para isso seja contemplado com referência às representações do sujeito que enuncia, à língua e a uma dada situação” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 58).

O que a proposta a respeito da enunciação que fizemos propõe não é um modelo nem uma norma e nem tampouco uma regra, mas um olhar diferente sobre a materialidade da língua, vendo-a como produtora de sentido e referência em relação a locutores, espaço e tempo.

Procedemos, como foi visto, à análise ilustrativa no intuito de exibir a diferença que se estabelece em relação ao sentido de elementos que canonicamente se enquadrariam na morfologia, mas semantizadas pelo viés enunciativo adquirem novo estatuto na linguagem.

Ao apresentar essa descrição, cujo sentido emana da língua em funcionamento, mostramos que não podemos determinar um sentido *a priori* dos sufixos, porque a situação enunciativa é singular e corresponde a um sempre novo aqui-agora do locutor.

Nossa pretensão, portanto, é a de apresentar a possibilidade de uma gramática da língua-discurso. Para que isso se efetive, será preciso considerar dois pressupostos importantes: o sentido de um elemento, de qualquer nível, é seu emprego no discurso de um locutor.

Podemos perceber, então, que na teoria da enunciação o sentido não pode ser fixado nem previsto. É o ato de enunciação que confere sentido aos enunciados em uma dada situação de enunciação. A análise feita é ilustrativa desse processo. Mostramos que só é possível estudar enunciativamente questões linguísticas colocando o locutor em um quadro intersubjetivo da linguagem, no qual ele se constitui pela dialética com o outro. Uma gramática da língua-discurso trataria dos aspectos envolvidos no uso da língua em uma dada situação.

FLORES, V. do N. WHAT WOULD BE A GRAMMAR ENUNCIATION? A PROPOSED OF THE TRANSVERSALITY ANALYSIS

Abstract

This paper presents a proposed approach of enunciation that seeks to study the language at different levels of linguistic analysis. It develops the concept of transversality enunciation whose hallmark is to describe the use linguistic units relating levels of linguistic analysis with each other within the same level and at different levels.

Keywords

enunciation enunciation transversality; teaching.

Referências bibliográficas

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988. 387 p.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. 294 p.

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, V. Semântica da Enunciação. In: FERRAREZI, C; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2013a. p. 89-104. FLORES, V. N. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* v. 29, p. 95-120, 2013b.

FLORES, V. A enunciação e os níveis da análise linguística. In: AGUSTINI, C.; BERTOLDO, E. (Org.). *Linguística in focus. Linguagem e Enunciação: subjetividade -singularidade em perspectivas*. Uberlândia: EDUFU Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2011., p. 300-325.

FLORES, V. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística. In: BATTISTI, E; COLLISCHONN, G. (Org.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Pelotas: EDUCAT, 2010, p. 45-57.